

Boas Notícias na Amazônia

A propósito da cimeira COP28 e das contínuas promessas e medidas que tardam em tratar realmente o problema do clima e do ambiente, surgem boas notícias noutra parte do globo.

A desflorestação da amazónia está a diminuir. De janeiro a novembro do corrente ano, a floresta amazónica viu uma redução da desflorestação em mais de 50% relativamente ao ano passado. Pode-se, com isto, respirar de alívio? Obviamente que não!

Vamos aos números: Desde 2015, fruto de uma maior preocupação no acompanhamento deste flagelo, houve uma maior análise dos dados relativamente à área ardida, quais os motivos e consequências. Os dados são claros, até 2023 houve uma diminuição da área da floresta amazónica fruto de contínuas campanhas de queimadas, cortes (muitas das vezes de forma ilegal) para venda de madeiras exóticas mas também para criação de gado e exploração mineira. Em 2019, considerado o ano com maior nível de desmatagem, até à data, a redução da área foi de aproximadamente 9 mil quilómetros quadrados, equivalendo a algo como o triplo da área do distrito de Lisboa ou à ilha de Chipre que a aquela floresta perdeu.

Em 2021 os dados apontam para uma continuação da destruição, situando-se nos 8 mil quilómetros quadrados, sendo superado por novo recorde em 2022 com uma perda que ronda os 10 mil quilómetros quadrados, correspondendo à perda de território de 14 vezes o tamanho da cidade de Nova Iorque, ou então algo como um milhão de campos de futebol.

Há, por vezes, meses em que a desflorestação atinge mais de mil quilómetros quadrados, o equivalente a oito vezes a cidade de Barcelona, ou então, como comparação da dimensão, o Parque Nacional Peneda-Gerês tem apenas uma 700 quilómetros quadrados de área

Outra nota que também servirá para a consciencialização é que entre 1985 e 2022 a área queimada na Amazônia é cerca de 800 mil quilómetros quadrados, semelhante à soma da área de França e Espanha ou então 80 milhões de campos de futebol

São números alarmantes, sobretudo se virmos para lá da abstração dos números, que, de facto, uma das fontes de oxigénio mais importantes do mundo, com uma biodiversidade colossal, com fauna e flora riquíssima, casa para inúmeros povos indígenas, abrigando espécies ainda por descobrir pela ciência, está a ser destruída por motivos, quase sempre, ligados à procura de lucro, algo que se afigurará inconsequente, perigoso e despreocupado, uma vez que o futuro a longo prazo será condicionado talvez irremediavelmente, condenando as gerações futuras.

De facto a destruição do “pulmão da terra” observou-se, de forma mais flagrante, nos últimos anos com um aumento do nível de área perdida, quer ou pelas chamas ou pela ação humana, ainda que a primeira seja também, grande parte, causada pelo homem, de forma criminosa e intencional, atingindo um pico em 2022 que, satisfatoriamente, nunca mais foi ultrapassado.

No ano de 2023 observa-se nos primeiros onze meses uma redução de quase 60% de desflorestação relativamente ao ano de 2022. É uma boa notícia se, juntamente, constatarmos que houve uma maior preocupação por parte das autoridades governamentais, empenhando-

se na observação e preservação da floresta além de reprimir condutas que diminuam este “pulmão verde”.

Mas os problemas não acabaram e a diminuição da área da Amazônia continua a ser uma realidade, algo que parece que está para durar, talvez por tempo suficiente para chegarmos a um ponto de não-retorno, comprometendo as gerações futuras.

De facto, os efeitos da desflorestação amazónica não se limitam à região. A floresta desempenha um papel crucial na regulação do clima global, atuando como um sumidouro de carbono. A perda dessa função leva, através de um efeito domínio, a consequências imprevisíveis, aumentando a frequência de eventos climáticos extremos e prejudicando a estabilidade climática em todo o mundo, algo que, infelizmente, já se verifica.

Para abordar eficazmente a desflorestação amazónica, é crucial adotar estratégias abrangentes. Descarboxinar a economia é um passo fundamental, envolvendo a transição para fontes de energia renovável, práticas agrícolas sustentáveis e o uso responsável dos recursos naturais.

Além disso, outras soluções poderão passar pela preservação direta da Amazônia, com uma política de reflorestamento, que será essencial para restaurar o que foi perdido. Implementar políticas rigorosas de proteção ambiental, apoiar comunidades indígenas na gestão sustentável de suas terras e promover a conscientização global são medidas cruciais, que felizmente já se começam a adotar.

A colaboração internacional é imperativa, com países, organizações e indivíduos em conjunto para enfrentar esse desafio de proporções globais, algo que se ocorre, cada vez mais, sendo uma ótima ferramenta para o combate à desflorestação, podendo apontar uma recém ajuda de países como os Estados Unidos da América ou Reino Unido nesta luta.

A desflorestação amazónica é uma ameaça à saúde do nosso planeta, e a resposta deve ser igualmente global. Descarboxinar a economia será um passo crucial e talvez um dos mais importantes uma vez que possibilitará a resolução de muitos outros problemas ambientais que contribuem de forma absolutamente negativa para aqueles.

Em jeito de conclusão, é de louvar as políticas de proteção e conservação que têm vindo a ser implementadas neste último ano, mas é preciso mais, pois uma redução de 60% de área perdida, comparativamente ao período homólogo, ainda que positivo, é ainda parco na luta pelo salvamento da Amazônia, e que por muitas reuniões, conferências e cimeiras em que se debata estas questões, o problema parece que permanece, infinitamente, por resolver.

elsa

The European Law Students' Association
COIMBRA